

DA EUTOPIA À DISTOPIA: IMAGENS FENOMENOLÓGICAS NO POEMÁRIO INSURREIÇÃO DOS SIGNOS, DE YBYNDA KAYAMBU

“Minha poesia é berço de palavras renováveis e qualificáveis.” (João Maimona)

A Fenomenologia é uma disciplina filosófica que se baseia no estudo de todas as formas de experiência em torno de um objecto para atingir a essência desse objecto. Para chegar a este objectivo, todas as teorias epistémicas a priori não podem ser consideradas ou alterariam a pureza de percepção. Os fenómenos, na teoria fenomenológica, são os objectos como eles nos aparecem na experiência e a forma como os experienciamos. A Fenomenologia foi desenvolvida nos inícios do séc. XX por Edmund Husserl (1859 – 1938) e estendeu-se a diversos outros filósofos como Merleau-Ponty, Heidegger e outros. Husserl apresenta a sua Fenomenologia como um método de investigação que tem o propósito de apreender o fenómeno, isto é, a aparição das coisas à consciência, de uma maneira rigorosa. “Como um método de pesquisa, a Fenomenologia é uma forma radical de pensar” (Martins, 2006, p. 18).

Poucos são aqueles que se conformam com o que a linguagem do seu quotidiano lhes coloca à disposição. Sobretudo se forem poetas. Neles, parece haver sempre uma inquietação, algo que os convoca não só ao travo de uma constante insatisfação, mas também a uma contínua luta pela superação daquilo que lhes parece ser limite do seu próprio instrumento de invenção. Ybynda Kayambu ou Hélder Simbad, pseudónimo de Hélder Silvestre Simba André, Poeta e Crítico Literário da presente geração da Literatura Angolana, é este poeta que não se conforma com a linguagem do seu quotidiano, constrói os seus textos com alma de humanidade, procurando, nas suas produções literárias, tematizar, de forma profunda, as questões sociais, mas também a angústia em relação à finitude da vida, à revolta, à justiça, liberdade, amor e ao tempo, o que nos possibilita antever uma aliança íntima entre o Poeta e as múltiplas vozes que superabundam no seu inconsciente. Face à amplitude de temas que comportam a obra *Insurreição dos Signos*, optamos por reunir, nesta publicação, que terá sequência, uma breve selecção de poemas dos quais faremos uma abordagem fenomenológica das suas imagens.

O poeta é livre e a obra e/ou o seu discurso é o modo de tornar essa liberdade real, de afirmá-la e concebê-la. A partir disso, o impasse entre sujeito e objecto dilui-se em favor da vida, vida do poeta que se junta à obra, tornando-a presente e se ligando

à vida da sua sociedade, do seu mundo. Na baila de Merleau-Ponty (2013 pág. 23), “ver é ter a distância”. Essa distância refere-se ao facto de que não olhamos apenas para a realidade, mas a vivenciamos por dentro, em nossa carne. Ybynda concebe essa distância como o espaço que une a sua vida singular com as vidas que o rodeiam, tal como refere o sujeito poético: olhos fotógrafos imprimem perigos: esquizofrenia/na frenética alma (Dramático, pág. 15); mansões/luxuosas cidades nascem urina (Étnico engano, pág. 16); Aqui barrigas governam/corpos (A carta aprisionada, 28). O sujeito lírico mostra-se desiludido com as desigualdades sociais. Diante de tanta pobreza, ver a emergir vidas luxuosas de uma pequena elite parece destroçá-lo. Nota-se que Ybynda traduz o seu ofício poético numa linguagem assente em dois eixos distintos: aquele que é formado pelo próprio som dos vocábulos que conferem à sua escrita um ritmo brusco, e aquele constituído pelas metáforas dissonantes que desarranjam os versos e as imagens, ao focalizar a angústia do sujeito.

A necessidade de se ajustar ao movimento da sociedade e às suas normas arbitrárias, em troca de afirmação e sobrevivência material que tem calado a voz de muitos artistas, não inibe o eco da voz de Ybynda. A poesia resgata a voz do seu inconsciente com uma linguagem aberta, sinuosa e prenhe de significantes, como se lê: frágeis dentes de leite moem pães pedra/primeiros orgasmos/entre sarampos e cóleras (Étnico engano, pág. 16); Acordei com dedos/borrados de infância (Adulta pobreza, 17); caem-se-me aos seis/três mágicos dentes de leite/com três mágicos carvões/ ao sol fervem (Shomício eleito oral, pág. 18). Repetidas vezes, surge a imagem da infância, o que nos dá a entender que a sua infância terá deixado marcas indeléveis na sua forma de ser e estar. O Poeta terá tido uma infância turbulenta e genuína como a maioria das crianças angolanas da sua geração, e é nela que se inspira e extrai o substrato das suas imagens poéticas, assim como o próprio Poeta confessa: vivi autênticos festivais nas madrugadas de 92/exercícios pirotécnicos de pólvora de projectil/vagueando convalescente/do sul para o norte da morte (Quando a alma se cansa, pág. 21). O ponto mais alto da guerra civil que Angola vivenciou foi em 1992, Ybynda Kayambu contava, nessa altura, com quase 6 anos de idade. A sua família viu-se obrigada a deixar Cabinda (terra natal) para se refugiar em Luanda, terra desconhecida, onde o futuro era incerto. Os desafios começaram, na vida de Ybynda, desde muito cedo, como o próprio Poeta refere na imagem 13, data de seu nascimento: 666: 13: de um dia sem vidas/Deus a caçar verbos/e os dias forrados/que a inexistente primavera/não trará em flores

carnívoras (Infinita rotina, pág. 63). Há, no fundo, um clamor sobre os direitos fundamentais das crianças consagradas na constituição da República de Angola. A importância de ressignificar aquilo que o rodeia e explorar o mundo com a curiosidade de quem as vê pela primeira vez é característica da infância e da poesia do Autor. Não é em vão que o humor é uma espécie de inocência criativa que carrega os seus versos.

Paz (2012) afirma: “Sentido e imagem são a mesma coisa. Um poema não tem outro sentido fora de suas imagens” (Pag. 116). É através das imagens que usa que a pluralidade e a ambiguidade original da linguagem poética de Ybynda se manifestam de forma plena. As imagens têm o poder de reconciliar opostos; penas podem ser pedras sem que deixem de ser penas. No entanto, outro aspecto marcante da exposição é a relação do Poeta com a sua família, sobretudo com a imagem da sua mãe, que aparece em detalhes ocultos que podem passar despercebidos se não olharmos com atenção: minha mãe/minha pobre mãe [Áfricas das minhas vidas/sem sonhos (poema Étnico Engano); encontra a mãe em casa/decepcionar-se/reassistir à partida [...] sua maldita morte [...]eis-me na utopia cristã[...]filhadaputar todo o mundo (Inevitável, pág. 30). A exaltação e a invocação da Mãe-África foi um canto comum cantado em coro pelos poetas angolanos a partir do Movimento Vamos Descobrir Angola, surgido em 1948 e representava, no contexto angolano (e africano), a mãe negra biológica, a nação angolana e o continente africano, numa perspectiva pan-africanista. Ybynda faz ressurgir esta imagem da mamã (a mãe) que, com as tremendas dificuldades, protege os seus filhos. O poeta traz a figura da sua mãe nos versos como aquela em que ele assentava todas as suas esperanças. A morte da sua mãe, possivelmente, acabaria por tornar o Poeta, a dada altura, ateu e desconfiado de tudo em sua volta. Balandier (1964, pág. 21) enfatiza que o respeito e a ternura que os africanos demonstram por suas mães são sentimentos que eles conservam fielmente em razão de passarem em companhia delas muito mais tempo do que requer a dependência biológica, fazendo com que concebam uma imagem idealizada da mãe.

Em Ybynda, há também imagens eivadas de força centrífuga e centrípeta que buscam, portanto, dar um novo horizonte a vida: Quando o meu deus sou Eu/num instante tudo se ilumina (Dentro do meu interior, pág. 62); Dentro de mim/Há um reino de luz a devorar trevas (Conto fantástico, pág. 60); Para vencer a escuridão/trago

a luz da mensagem (Possibilidades, pág. 24). Luz e trevas são imagens que gravitam no discurso do Poeta, são poemas que gravitam na borda da língua, nesse equilíbrio delicado em que um passo para trás é o lugar comum e um passo para frente é quase ininteligível. São imagens que procuram abrir um caminho novo na língua, resgatam as palavras que perderam o brilho, mudam sua função e vestem-nas de roupas novas. As imagens fenomenológicas apresentadas pelo Poeta não surgem como um fim em si, mas como um método para se saber mais sobre os espaços que vivemos, e para questionarmos este mesmo espaço. O universo poético de Ybynda Kayambu surge como experimentação de processos estéticos que filtram a realidade sensível para expô-la em cenários reconstruídos por imagens. O Poeta privilegia a utilização de alegorias, símbolos e imagens, instala tensões dissonantes para dizer da grande inquietação provocada que expurga a segurança enganadora de sentidos ilusoriamente instalados.

Referências Bibliográficas

BALANDIER, G. (1964). *África ambígua*. Buenos Aires.

MARTINS, J. (2006). *Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação*. São Paulo.

MERLEAU-PONTY, M. (2013). *O olho e o espírito*. Madrid.

PAZ, O. (2012). *Signos em rotação*. São Paulo.

Sobre o Autor

Fernando Dhyakafunda

Jurista, Escritor e Crítico Literário, com vários artigos publicados em jornais e revistas nacionais e internacionais, sites e blogs; Ativista pela causa do Direito das Acessibilidades